

ROTHA

Cultural

Jornalismo para preservar histórias,
memórias e identidades

Edição nº 7 - Novembro 2023

“NÃO É FAVOR, É REPARAÇÃO!”

Ativistas defendem feriado e mais ações
sobre Consciência Negra em Monlevade

Página 5



SOBRE VIVER COM PÓLIO

*Por Mário Ananias

Por uma mesma estrada é possível trilhar inúmeros caminhos.

A bela música italiana, dos compositores Francesco Franco Migliacci e Bruno Zambrini, lançada nos estertores do século passado, 1.999, Non Son Degno Di Te, na boa interpretação de Gianni Morandi, traz uma frase interessante:

“sobre montes de pedras também nascem flores...”. Por analogia, se depreende que uma vida humana, ainda que em condições adversas, pode exalar perfume e exprimir beleza.

“A trama autobiográfica se propõe a mostrar que a vida, ainda que com alguma deficiência, pode ser feliz, produtiva e inspiradora”

Para quem vê uma criança com paralisia nos membros inferiores, decorrente de sequelas de pólio, a ideia primeira talvez seja de que a bucólica cidade de João Monlevade seria uma grande adversária. Quem, como eu, nasceu nessa bela cidade industrial, no montanhoso bairro da Vila Tanque, sabe perfeitamente que se trata de um desafio e não de um castigo. E no livro Sobre Viver com Pólio, procura-se trazer essa percepção, pelos olhos de uma criança, aco-

metida pela poliomielite aos seis meses de idade.

Não espere, o leitor, encontrar o lugar comum, a autopiedade, incutida em muitas PcD pelos adultos que, eventualmente, necessitem de uma fraqueza alheia para se sentirem mais fortes. Ou, quem sabe, a inferioridade a que releguem outrem para se reconhecer superiores, benevolentes, indispensáveis. O livro, nesse aspecto, é iconoclasta, pois revela o direito à busca pela felicidade; os diversos pontos de tangência entre sonhos, esperanças e habilidades de que também as pessoas com deficiência se valem para alcançar seu ponto de equilíbrio, seu lugar ao sol.

Ambientado na cidade interiorana que nasceu e se desenvolveu ao redor de uma grande usina siderúrgica, no início da segunda metade do

“Para quem vê uma criança com paralisia nos membros inferiores, decorrente de sequelas de pólio, a ideia primeira talvez seja de que a bucólica cidade de João Monlevade seria uma grande adversária...”

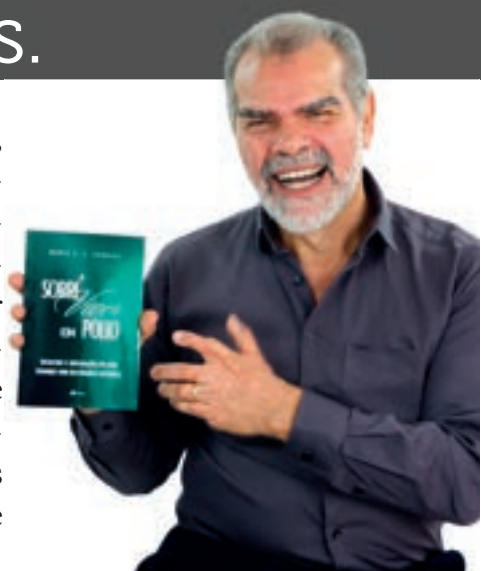
século XX, a trama autobiográfica se propõe a mostrar

que a vida de uma criança, ainda que com alguma deficiência, pode ser feliz, produtiva e inspiradora. E mostra que é possível dividir alegrias, brincadeiras, sorrisos e projetos, como ocorre a qualquer criança. Evidencia também que o apoio das pessoas próximas, parentes e

“Não espere, o leitor, encontrar o lugar comum, a autopiedade, incutida em muitas PcD pelos adultos que, eventualmente, necessitem de uma fraqueza alheia para se sentirem mais fortes”

amigos, pode tornar a caminhada menos árdua e farta de luz.

Com cenas hilárias e outras tantas emocionantes, do dia a dia, mas mostradas pela perspectiva de uma criança, Sobre Viver com Pólio, resgata a inocência. E também as angústias, as incertezas e os momentos de plena convicção nos próprios valores e ferramentas para alcançar um futuro com plenitude. E, claro, as coisas importantes para a própria manutenção, num viés de pura delicadeza infantil. É o retrato da vida de uma PcD, obtido pela lente límpida dos olhos de um



(*) Mário Sérgio Ananias é monlevadense, servidor público, palestrante, escritor e autor do livro “Sobre Viver com Pólio”. Mais sobre o autor:



@mariosrananias



mariosrananias.com.br

menino cuja existência se confunde com as aspirações de tantos outros.

Traz à luz as dificuldades que enfrentam as PcD, mesmo num mundo que busca a cada dia tornar-se mais acessível. Tem o condão de guiar responsáveis na caminhada conjunta com seus tutelados pelas sendas da vida até que eles possam, quando viável, trilhar seus próprios caminhos, com olhar no horizonte e o coração repleto de saberes inerentes a sobre viver com pólio. E vontades firmes na fantástica jornada do sobreviver, apesar da pólio e das limitações impostas pela paralisia infantil.

EXPEDIENTE: JORNAL ROTHÁ CULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA

Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ rothaassessoria@yahoo.com

CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida - Tiragem: 1.000 exemplares

João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaboradores desta edição: Mário Ananias, France Gripp, Poliana Guerra, Alexandra Mara Felipe

Reconhecimento

Artistas e entidade recebem Medalha Mérito Cultural “Leonardo Diniz”, concedida pela Câmara Municipal

A Câmara Municipal de João Monlevade entrega, em sessão especial, no dia 29 de novembro, a “Medalha de Honra ao Mérito Cultural Leonardo Diniz Dias”. Os agraciados deste ano, escolhidos por comissão mista, foram a escritora, poetisa e empresária Jacqueline Silvério Fernandes; o músico, compositor e cantor, Rômulo Rás e a Associação de Capoeira Zumbi dos

Palmares (ACAZUMP).

Em 2023, A comissão que elegeu os vencedores foi formada pelos vereadores Bruno Cabeção (Avante) e Belmar Diniz (PT), além dos jornalistas Erivelton Braz (editor do A Notícia e fundador do Rotha Cultural), Gilson Eloi (O Celeste), Thiago Moreira (Tenda News) e do músico Daniel Bahia.

A “Medalha de Honra ao Mérito Cul-

tural Leonardo Diniz Dias” foi criada por meio da Resolução 464, de agosto de 2008, com o intuito de reconhecer o trabalho de pessoas ou grupos que tenham atuação de destaque na área cultural de João Monlevade. A honraria leva o nome do saudoso Leonardo Diniz Dias, ex-vereador e ex-prefeito do município, por sua relevante contribuição para a cultura monlevadense.

Sobre os homenageados

Acazump

O grupo de Capoeira Zumbi dos Palmares, hoje conhecido como Acazump (Associação de capoeira Zumbi dos Palmares) foi criado há quase 40 anos, em 14 de março de 1984, pelo Mestre Silvio Cláudio (Mestre Café). A entidade recebeu esse nome pela diversidade encontrada na capoeira e por tudo que ela engloba e vem sendo utilizada como instrumento de transformação pessoal e social.

O grupo nasceu da importância de se criar pessoas e educadores mais conscientes do seu papel na sociedade para termos um mundo melhor e da importância em difundir a capoeira pelo mundo afora.

A Acazump tem como propósito divulgar e propagar a arte da capoeira, prezando pelo nível técnico e teórico, as tradições e fundamentos, mantendo na capoeira, seu lado artístico e cultural.



Jacqueline Silvério

Jacqueline Silvério é uma referência cultural do município de João Monlevade. Desde os anos 1970, atua como ativista, poetisa, escritora, além de ser proprietária da Livraria República Literária, há 35 anos. Nos anos de 1980 e 1990, participou de festivais de música, com canções próprias, conquistando as primeiras colocações.

Em 1990, criou o Prêmio Nacional Osvaldo França Jr de Literatura, que contou com a participação de escritores dos 27 estados brasileiros. Entre 1981 e 1991 lançou três livros de poesia. Um pouco de Amor (1981), À sombra da Dor (1984) e Esse Aprender do que Sou (1991). Em 2023, lançou NAU-FRÁGIL de Mim, coletânea de poemas escritos nas últimas décadas. Ainda neste ano, ganhou o II Prêmio Louis Ensich de Fotografia da Fundação Casa de Cultura.



Rômulo Rás

Cantor, compositor e produtor cultural, o monlevadense Rômulo Rás tem 40 anos de premiada e confirmada carreira nacional e internacional. O artista vem de uma família de importantes nomes da arte. Sua tia, a saudosa Neide Roberto, é considerada a maior cantora de Monlevade e região, tendo se apresentado em importantes programas de auditório nos anos 1970. Também em família, eles fundaram o bloco caricato Sapeca Iaiá, sinônimo de resistência e de alegria no Centro Industrial, mesmo quando a cidade não realizava festas de carnaval.

Rômulo Rás herdou o talento e a musicalidade. Em 2002, lançou seu primeiro disco e suas composições, hoje, podem ser ouvidas nas plataformas digitais, como spotify, entre outras. Depois de passar uma temporada na Europa, se apresentando em vários países, o popular “Rominho” retornou a Monlevade e faz sucesso por onde passa. Atualmente, é proprietário do Espaço Cultural Villa de Minas, no bairro Paineiras, onde se apresenta e também abre espaço a outros artistas.





Festival Canta Bela Vista faz história

Após 30 anos, Festival da Canção volta com força total e é sucesso de crítica e público

Após 30 anos, Bela Vista de Minas realizou a 15ª edição do seu Festival da Canção. O Canta Bela Vista, realizado no fim do mês de outubro, trouxe de volta o clima dos grandes eventos autorais na cidade. Organizado pela Prefeitura, o evento confirmou o sucesso e a tradição com a valorização de músicos e compositores.

O reconhecimento a quem se dedica à criação musical ficou claro com a distribuição de prêmios: R\$20 mil. Foram R\$2,5 mil para o terceiro lugar, R\$3,5 mil para o segundo e R\$7 mil para o primeiro. Também receberam R\$1,5 mil os vencedores nas categorias Melhor Letra e Melhor Intérprete e R\$2 mil para os es-

colhidos Melhor da Galera e Melhor da Terra, referentes aos músicos de Bela Vista de Minas. “Foi um retorno triunfal com um alto nível das canções apresentadas e sem sombra de dúvidas um grande evento que agradou a todos”, destacou a prefeita Samantha Ávila.

Além disso, conforme a prefeita, a administração tem se empenhado em manter vivas as tradições municipais e valorizar artistas da cidade com vários eventos. Entre esses, ela cita o Festival Gastronômico e anuncia, para breve, a entrega das obras de revitalização do Parque de Exposições Maestro Valdivino dos Santos, que fundou a Corporação Musical São Sebastião com o saudo-

so Padre Gerard. “O local será uma importante área de convivência e palco de grandes eventos. Podem esperar que virão muito mais ações culturais”, diz a prefeita Samantha.

MÚSICA EM CENA

Além dos cantores e compositores autorais, que disputaram a premiação, houve grandes shows que animaram o público da cidade e da região. Na sexta-feira, 27 de outubro, subiram ao palco a cantora Di Ribeiro (com tributo a Cássia Eller), Banda Katumbi e banda Black Circle, com o cover do Pearl Jam.

No sábado (28), apresentaram-

-se os grupos Harley Queen e O Teatro Mágico, com grandes sucessos. Já no domingo (29), foi a vez de 80' & Tal e do lançamento do CD ao vivo do músico da cidade, Laércio Silvano.

Os participantes aprovaram as atrações e os concorrentes. “Ótimos canções locais, regionais e até nacionais. Foi muito legal com atrações musicais diversas e atraentes, além da organização impecável, boa estrutura, gentileza, tudo conspirando para o nosso deleite e pela continuidade da iniciativa. Parabéns”, destacou a jornalista Polliana Guerra, de Nova Era.

OS VENCEDORES



1º Lugar geral

Música: “Manhã Serena”

Compositor e Intérprete: Diorgem Júnior, de Governador Valadares (MG)

Premiação: R\$7000



2º lugar (também melhor intérprete)

Música: “Para nos Molhar”

Compositor: Gui Fleming

Intérpretes: Thays Sodré e Rodrigo Garcia, de São Domingos do Capim (PA)

Premiações: R\$3500 e R\$1500



3º Lugar

Música: Revoada

Compositor: Aislan Rodrigues e Zequinha Coelho, de Padre Paraíso (MG)

Intérprete: Aislan Rodrigues

Premiação: R\$2500



Melhor Letra

Música: Zé

Compositor e Intérprete: Rojan Gabriel, de Sete Lagoas (MG)

Premiação: R\$1500



Melhor da Terra

Música: Marés

Compositor e Intérprete: Duardin, de Bela Vista de Minas

Premiação: R\$2000



Melhor da Galera:

Música: Pescaria

Compositor: Geraldo dos Reis Barcelos e José Geraldo Barros, de Bela Vista de Minas

Intérprete: Irmãos Barcelos

Premiação: R\$2000

"A história de João Monlevade precisa ser contada sob o olhar do povo preto que a construiu"

Feriado Municipal no 20 de novembro com ações e eventos que destaquem e enalteçam a cultura negra

*Por Alexandra Mara Felipe

Além das questões que envolvem Zumbi e o Quilombo dos Palmares, o Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, é uma data significativa, pois traz à luz questões importantes: o racismo e a desigualdade da sociedade brasileira. É dia de lembrar a luta dos africanos escravizados e que reforça a importância da realização de novas lutas para tornar a nossa sociedade mais justa. Ainda hoje, o racismo é um dos grandes problemas do Brasil.

O Dia da Consciência Negra é importante para lembrarmos que a nossa sociedade foi construída por meio da escravidão. Por mais que melhorias e mudanças tenham acontecido, a falta de oportunidades para a população negra, o racismo presente no cotidiano e as tenta-

palmente, recuperando a história, tanto em escolas quanto nas ruas.

O povo preto dificilmente tem apoio para as suas manifestações. Então, que esse feriado venha seguido de apoio para manifestações dignas de um povo bravo, lutador, que ajudou a construir essa cidade, que ajudou a construir o Brasil inteiro. Feriado sim! Mas

"Que a história de João Monlevade precisa ser contada sob o olhar do povo preto que a construiu, com sofrimento e não apenas com o olhar do branco que veio de outro país"

feriado com apoio! Chega de deixar as coisas de preto sem amparo.

Que a lei se cumpra! Não é favor, é reparação!

Que o 20 de novembro seja maior do que o dia em que capoeiristas são chamados a irem a escolas, dia em que o samba é lembrado, que a feijoada, a canjica e o acarajé são citados e que os panos de chita servem de enfeites...

Que comecem a saber que a feijoada não foi inventada pelos escravos, pois nem aos ossos nossos antepassados tinham direito.

"Que parem de matar a nossa história!"

Que comecem a saber de verdade que a capoeira e o samba eram crimes e quem os praticasse eram chamados de bandidos.

Que saibam que a nossa religião não é do demônio, e que o pano africano não é chita e sim um tecido que se chama Kapulana.

Que a história de João Monlevade precisa ser contada sob o olhar do povo preto que a construiu, com sofrimento e não apenas com o olhar do branco que veio de outro país.

Que parem de matar a nossa história!

Que saibam que os pretos servem tanto para serviços menos valorizados quanto para serem profissionais de renome. Que esse feriado traga mais equidade.

A Amad apoia o feriado do dia 20 de novembro com acréscimo de amparo para manifestações diversas, pois

não queremos favor de leis brancas. Queremos que entendam que a ação e informação é o que trarão mais conhecimento. E o conhecimento é a arma que irá alertar muitos pretos de que a escravidão "acabou", mas o sistema ainda insiste em nos escravizar e nos iludir.

E só o povo conhecendo cada vez mais a sua história e seus direitos é que iremos disseminar esse racismo estrutural, que muitos acham que nosso povo não vê. Povo livre de verdade e não um povo que aceita migalhas.

É esse nosso manifesto!



(*) Alexandra Mara Felipe Fernandes é integrante da Associação Monlevadense de Afrodescendente

Casa Aberta para a Consciência Negra

Objetivo é levar mensagem de luta contra o racismo estrutural e mostrar a genialidade e resistência da arte negra



A Prefeitura de João Monlevade, através da Fundação Casa de Cultura, irá celebrar o Mês da Consciência Negra deste ano com a realização do evento "Semana da Casa Aberta", que acontece entre os dias 26 de novembro e 1º de dezembro.

A Semana da Casa Aberta, tem o mesmo nome da canção composta pelos músicos Chico Amaral e Flávio Henrique e gravada por artistas como Milton Nascimento, Maurício Tizumba e Trio Amaranto. O evento contará com oficinas, workshops e apresentações artísticas realizadas com artistas negros, convidados pelos professores da Casa de Cultura. As oficinas terão a duração de duas horas e serão realizadas na sede da Fundação, na rua Timóteo, no bairro Nossa Senhora da Conceição.

Dentro de seu gênero artístico, cada professor da Fundação irá levar um representante negro para se apre-

sentar no evento e contar sua história e trajetória nas artes, seja na dança, pintura, canto, artes plásticas, bateria, piano, violino, violão e outras.

De acordo com a diretora-presidente da Fundação Casa de Cultura, Nadja Lírio Furtado, além das técnicas, estilos e formas de se expressar artisticamente, os convidados contarão suas histórias de vida e de luta contra o racismo estrutural através da arte. "A Semana da Casa Aberta tem o objetivo de levar a mensagem de luta contra o racismo estrutural e de mostrar a genialidade e resistência da arte negra e como ela impacta imensamente da história da arte como um todo. Com o nosso Festival Baobá sendo transferido para o mês de maio, a Semana Casa Aberta representa o intuito de celebrarmos o Mês da Consciência Negra de forma edificante e educativa", destacou Nadja.

"Que comecem a saber que a feijoada não foi inventada pelos escravos, pois nem aos ossos nossos antepassados tinham direito"

tivas de apagamento da cultura africana evidenciam que ainda temos um longo caminho a ser trilhado.

Mas não adianta somente um dia de feriado. O feriado tem que vir acompanhado de semanas e ações em escolas, sendo abordada a história, não apenas pelos professores, que algumas das vezes, na verdade, apenas cumprem o cronograma. Mas precisa que esses temas sejam abordados, também, por ativistas que dedicam a vida em acabar com esse mal que é o racismo.

Ainda há nas escolas muitos casos de racismo e nós, da Associação Monlevadense de Afrodescendentes (Amad), somos procurados por mães de adolescentes que já pensaram em suicídio por terem sofrido preconceitos. Porém, não nos foi dada a permissão de seguir por medo que a família sofresse alguma retaliação.

Então perguntamos: De que serviria um feriado? Apenas para ficar em casa? Apenas para um dia de descanso? Para que serviria um feriado se vamos continuar morrendo, se não no corpo, mas na alma? A sugestão é trazer junto ao feriado, manifestações, passeatas, rodas de conversa, as mídias apoiando em massa e, princi-

O primeiro efeito colateral do ato de escrever

*Por France Gripp

Toda vez que evoco memórias de infância, a sensação de calor é a primeira que aparece em cena. O mundo era ensolarado e, mesmo depois das chuvas, transpirar era como respirar. Ir para a escola significava caminhar sob sol escaldante, fosse manhã ou meio-dia, vestindo uniforme de saia pregueada em tecido azul-escuro de trama fechada.

Nos meus oito a nove anos, muitas vezes eu me atrasava e precisava dar corridinhas no trajeto. Aproveitava para puxar as folhas novas dos oitis, que tinham uma face coberta de paina.

Ia testando a resistência dos sapatos Vulcabras, a que chamávamos “vaca brava”, batendo-os com força no chão das ruas sem calçamento. A blusa de algodão branco voltaria para casa manchada de suor com poeira, isso era certo; no mínimo.

Ia alcançar as freiras já fechando o portão. Irmã Violeta! Irmã Cecília, me esperem! – gritava da esquina.

O colégio Imaculada Conceição, felizmente, era um abrigo antitérmico. O prédio, construído conforme arquitetura dos anos 40/50 e certa tradição religiosa, era de dois pavimentos e ocupava todo o quarteirão. Pé-direito alto, corredores longos, salas espaçosas, biblioteca, pátios, jardins, horta, e uma capela em construção naquela época. Para meu olhar infantil, havia também os compartimentos reservados, os sombreados, as regras, as proibições, os silêncios... Mistérios guardados pelas clarissas franciscanas, com suas longas e pesadas vestimentas escuras, chama-

das de hábito, o véu cobrindo a cabeça e descendo pelas costas até o quadril; a vida em coletivo. Tudo ali queria induzir à quietude, contrastar com a trepidação que existia lá fora.

No terceiro ou quarto ano do primário, minha sala de aula tinha janelas de madeira, abertas para o pátio do jardim de infância, que então, não mais nos pertencia. Quando a aula estava aborrecida, de canto de olho eu vigiava o balanço, a gangorra, o monte de areia. Somente nas árvores, morada de passarinho buliçoso, tinha som e algum movimento.

Se era hora de português, podia dar corda aos devaneios, porque, de repente, a professora ordenava - peguem o caderno de redação; ou, como se dizia anteriormente - o caderno de composição. (Aliás, não avisaram minha mãe sobre essa mudança, por isso ela errou o título, ao encapar meu caderno novo).

Marina Máximo Catão, minha querida professora, muito alva e de cabelos claros e cacheados, era rigorosíssima. Eu achava que ela tinha esse sobrenome máximo, e ainda o segundo a reverberar em ão, porque nascera sabendo coisas complicadas como períodos simples e compostos, o que é adjetivo, como usar dois pontos, as regras de acentuação de todas as palavras, a oscilante lista das gravidades e requebros da gramática.

Mais que de símbolos matemáticos, eu gostava dessa linguagem que se podia arranjar no papel, desmanchar com a borracha, escrever de outro jeito, passar a limpo e que, afinal, soava mais ou menos colada na língua da gente. (A vírgula é pausa para respiração – dizia a

regra – aí, no livro havia uma frase sem vírgula, que tinha a extensão própria para me causar falta de ar).

De todo modo, julgava interessantíssimo, seguir docilmente os comandos da professora – eram chaves para a apropriação dos mistérios da escrita - fosse para composição ou redação.

Assim, estimulada pela paisagem lá fora, ou por rara presença de ilustrações nos livros em geral, ou pela magia de histórias lidas, eu desenvolvia os temas. Minhas redações iam para o mural da classe e, muitas vezes, para o do corredor onde transitavam muitos estudantes e professores. Havia colegas que escreviam muito bem e mesmo podiam tirar notas mais altas que as minhas, mas, era nos meus escritos que a professora parecia achar graça.

Um dia, meu caderno de redação foi circular entre as professoras do curso Normal (o que preparava para o ensino infantil). Depois, uns versejos satíricos sobre a independência do Brasil, apareceram em jornal de Valadares. Meus pais (que tinham dedos nisso), já davam como líquido e certo, meu destino de escritora.

Orgulhosíssima, a professora não economizava elogios, fato que deixou inconformadas outras alunas. Muito depois, já distanciada dos domínios de meu próprio umbigo, pude entender a aridez de algumas colegas comigo, e que perduraria anos afora – tinham origem no caderno de redação, ou de composição.

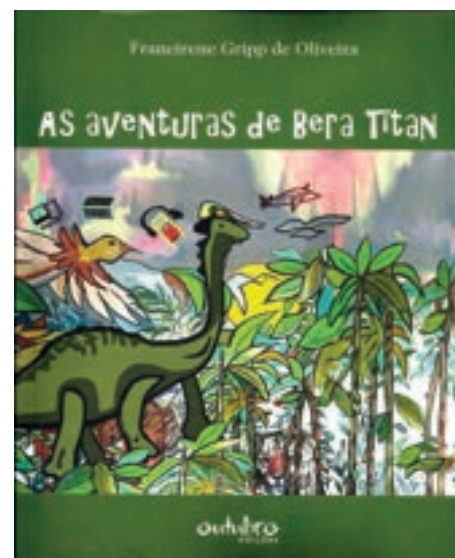
Foi o meu primeiro efeito colateral do ato de escrever.



(*)Francirene Gripp de Oliveira é poeta, contista e cronista, mineira de Governador Valadares, reside em Belo Horizonte, onde participa de atividades de incentivo às artes. Mestre em estudos literários pela UFMG, lecionou na PUC Minas e na rede municipal da capital mineira. Autora com vários livros publicados.

Contatos: www.francegripp.com.br
francegripp@gmail.com

Conheça da autora:
As aventuras de Bera Titan



Educação Patrimonial

Estudantes de São Gonçalo do Rio Abaixo conhecem sede da Folia de Reis

Em mais uma ação de Educação Patrimonial, alunos da Educação Infantil da Escola Municipal do Una, visitaram a sede da Associação Comunitária e Cultural do Bairro Santa Efigênia (Ascbase) mantenedora do grupo Folia de Reis em São Gonçalo do Rio Abaixo.

No local, os alunos conheceram a história, as vestimentas, instrumentos e objetos diversos como jarras, baú e as máscaras em exposição permanente na sede do grupo cultural. Além disso puderam apreciar as canções que embalam as visitas do grupo que anuncia o nascimento do “Menino Deus”. Com a visita e outras atividades, a equipe pedagógica da escola pretende apresentar as crianças as tradições que fazem parte da história do município e da memória afetiva do são-gonçalense.



Você já foi ao Inhotim? Não? Então vá!

Arte em meio à arte

*Por Poliana Guerra

O Instituto Inhotim, em Brumadinho (MG) é formado não só por um grande acervo de obras de arte contemporânea, como também por uma esplêndida coleção botânica. Espaço onde arte e natureza convivem juntos, com variadas espécies tropicais raras e um acervo artístico de relevância internacional.

Assim, dentro do rico parque ambiental, pode-se visitar importante acervo artístico, em um grande número de pavilhões-galerias, “imersos” em belo cenário, em algumas partes natural e em algumas, projetadas pelo paisagista Roberto Burle Marx.

É um dos espaços mais importantes do país que mistura, duas formas de arte: a produzida pelas mãos humanas e a produzida pela natureza.



Vista Panorâmica de Inhotim

No local, pinturas, esculturas, desenhos, fotografias, instalações das mais diversas, de artistas brasileiros e estrangeiros, muitos, são exibidos(as) em várias galerias espalhadas pelo Jardim Botânico.

O amplo espaço e vasto acervo, torna, um dia, insuficiente para uma visita completa. Por isso e para isto, Inhotim dispõe de transporte interno por carros elétricos, a fim de facilitar o acesso aos locais mais distantes. Este transporte é pago, possui rotas pré-determinadas e horários definidos.

Pelos carrinhos ou mesmo a pé, o intervalo



Carro elétrico de Inhotim

entre as galerias é, a um só tempo, uma atração, e um convite a uma pausa para respirar. O visitante tem diante de si inúmeras possibilidades de caminhos, onde ora se depara com obras de arte, ora com espécies raras de plantas. Não há como sugerir um roteiro pré-definido; melhor é se entregar e construir o seu.



Inhotim em seus jardins

BOTÂNICA

Parte da coleção botânica projetada por Burle Marx ocupa uma área de 100 hectares de jardins. O Parque Ambiental é dedicado, quase em sua totalidade, às espécies ornamentais raras do Brasil e do mundo. São cerca de 165 famílias botânicas, 851 gêneros e 3.000 espécies vegetais. Há, ainda, três lagos ornamentais compondo o jardim. A paisagem, por si, já é uma obra de arte em Inhotim.



Troca Troca - Jarbas Lopes

ARTE, ENFIM

Além de toda a natureza descrita, Inhotim possui grande e representativo com mais de 500 obras de 100 artistas de 30 países, que vem sendo formado desde meados da década de 1980. É uma exposição de várias o mundo, que inclui arte chinesa, alemã, americana, inglesa etc. Aí talvez esteja uma particularidade bastante louvável

Há exposições temporárias e galerias reservadas a um acervo permanente. Grande parte das obras são instalações permanentes, muitas delas



(*)Poliana Guerra é jornalista, colaboradora do Rotha, já visitou Inhotim 5 vezes e não vê a hora de voltar!

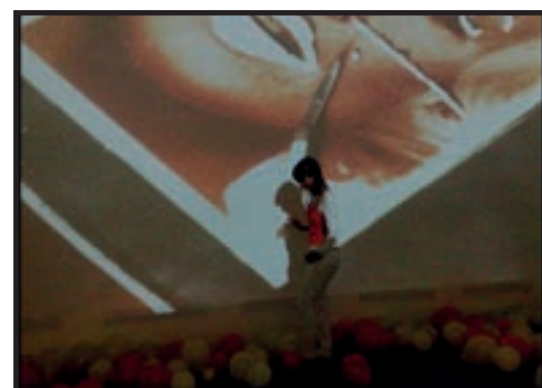
realizadas dentro do conceito de site-specific no qual os artistas convidados desenvolvem projetos especialmente para o CACI, considerando características naturais e culturais.

A dimensão do lugar e a relação das obras com o espaço fazem desta visita uma experiência singular. Experiência, muitas vezes, sensorial, na descoberta e sinestésica na comunhão de distintas artes e na relação estabelecida entre elas. Ali é particularmente notória, também, a importância da arquitetura e da paisagem na promoção da interação do público.

Em Inhotim, fica mais explícito que em outros cantos que em arte, contemporânea principalmente, a construção de sentido é mais pessoal, individual do que nunca. É a experiência e o processo de percepção do visitante que valem. Inhotim estabelece conversa íntima com nossa sensibilidade.

PROVOCAÇÃO

E deixo, ainda, uma provocação: Será que não podemos ousar, no Médio Piracicaba, uma releitura, de um projeto artístico imenso e intenso, mesclando arte e paisagem natural, que reflitam memórias, saberes e histórias locais?



Cosmococa - Hélio Oiticica

Nós valorizamos a cultura e a nossa gente

Este ano, a Câmara Municipal de João Monlevade vai homenagear três importantes artistas locais com a Medalha Honra ao Mérito Cultural Leonardo Diniz Dias.

Uma forma de deixar gravada na história a nossa arte.



● **29 novembro**
18h
Câmara Municipal

● Homenageados:

Rômulo Rás

Jaqueline Silvério
Fernandes

Associação de Capoeira
Zumbi dos Palmares



/ camarajoaomonlevade



Câmara Municipal de
João Monlevade

Câmara forte, cidade forte!